

situação em que os juízos de valor são mais fundamentados no conhecimento, reduzindo-se naturalmente a angústia e a incerteza dos momentos de classificação.

A situação descrita pressupõe mudanças de concepções e de práticas. Sabemos que tal não acontece de um momento para o outro, como por magia, nem tão pouco por estar legislado. As mudanças em educação fazem-se por aproximações sucessivas, através de um trabalho faseado, onde os balanços, as reflexões e os reajustes decorrentes, se vão procedendo passo após passo. Falar-se de mudanças de prática em avaliação é ainda mais exigente, dada toda a visibilidade social que a mesma comporta. Muitas são as pressões a que os professores estão sujeitos na sua prática profissional, nomeadamente vindas da sociedade em geral e dos encarregados de educação, em particular. Assim, perante a complexidade e dificuldade de tal empreendimento, sugere-se como estratégia facilitadora o desenvolvimento de um trabalho colaborativo entre professores, onde é possível um apoio mútuo e a cons-

trução de um sentido comum partilhado de avaliação, de uma responsabilidade partilhada e emancipada, que permite aos professores reelaborarem o currículo, e ainda de uma ética de responsabilidade colegial, que passa pela definição conjunta de prioridades e objectivos comuns que orientam as escolhas individuais.

Estamos assim, mais uma vez, perante um enorme desafio que se coloca aos professores de Matemática! Mas não será a profissão de professor exactamente isso?

Referências

- DEB (2001). *Currículo nacional do Ensino Básico. Competências essenciais*. Lisboa: DEB, ME.
- Decreto-Lei nº 6/2001, Diário da República, I Série A, 18 de Janeiro de 2001.
- Despacho Normativo nº 30/2001, Diário da República, I Série B, 19 de Julho de 2001.
- Kroll, D.; Masingila, J. & Mau, S. (1996). Grading cooperative problem solving. In D. Lambdin; P. Kehle & R. Preston (Eds.), *Emphasis on assessment. Readings from NCTM's school-based journals* (pp. 50-57). Reston, Virginia: NCTM.
- NCTM (1991). *Normas para o currículo e a avaliação em matemática escolar*. Lisboa:

APM e IIE. (Original em inglês, publicado em 1989)

- NCTM (2000). *Principles and standards for school mathematics*. Reston, VA: NCTM.
- Perrenoud, P. (1999). *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: ARTMED Editora. (obra original em francês, publicada em 1997)
- Ponte, J. P.; Costa, F.; Lopes, H.; Moreirinha, O. & Salvado, D. (1997). *Histórias da aula de Matemática*. Lisboa: APM.
- Santos, L. (2000). *A prática lectiva como actividade de resolução de problemas: Um estudo com três professoras do ensino secundário* (tese de doutoramento, Universidade de Lisboa). Lisboa: APM.
- Santos, L. (2002). Auto-avaliação regulada: porquê, o quê e como? In P. Abrantes & F. Araújo (Coord.), *Avaliação das aprendizagens* (pp. 75-84). Lisboa: DEB, ME.
- Short, E. (1985). The concept of competence: Its use and misuse in education. *Journal of Teacher Education*, March-April, 1-5.
- Westera (2001). Competences in education: A confusion of tongues. *Journal Curriculum Studies*, 33(1), 75-88.

Leonor Santos
Universidade de Lisboa

Depoimentos dos alunos

Quando ouves falar de avaliação, qual a primeira ideia que te vem à cabeça?

(11º ano de escolaridade)

Rapaz (11º ano/Vila Real/nota 18):
O resultado de um período, avaliado quantitativamente.

Rapariga (11º ano/Vila Real/nota 7):
É a nota final do período.

Rapaz (11º ano/Portalegre/nota 17):
As notas. Sinto-me a ser avaliado quando o professor me observa e quando me manda ao quadro.

Rapaz (11º ano/Portalegre/nota 10): *É tudo, por exemplo os testes, responder à perguntas que o professor faz, fazer os trabalhos de casa e na aula.*

Rapariga (11º ano/Porto/nota 16):
Notas dos testes, classificações.

Rapariga (11º ano/Porto/nota 8):
Notas e médias.

Rapaz (11º ano/Lisboa/nota 19):
Rigidez.

Rapariga (11º ano/Lisboa/nota 8):
Trabalho realizado pelo aluno nos testes, fichas e aulas.

A associação da ideia de avaliação às notas e aos instrumentos que as sustentam acentuam-se um pouco neste ano de escolaridade, quando comparadas com as respostas dadas pelos alunos do 9º ano de escolaridade. Há, contudo, uma melhor compreensão da natureza do próprio processo de avaliação caracterizada por três aspectos essenciais: (i) tudo conta para a nota, o que o aluno faz na aula, fora dela, ou nos momentos formais de avaliação, resultando numa apreciação quantitativa; (ii) o aluno não tem controlo nenhum sobre este processo, a avaliação está totalmente na mão do professor/avaliador: "sinto-me avaliado quando o professor me observa e quando me manda ao quadro"; (iii) e a rigidez do próprio processo.